

MODO DE USAR A DESESPERANÇA e outros poemas

Félix Alberto Lima

a câmera obscura (do Alzheimer)

o tempo se esvai
como aquele abraço
que jamais foi dado
o beijo que faltou
a senha que assanha
a lágrima

teu corpo agora
estúpida máquina
de alma desalmada
ínfima miragem
tatuada na memória que secou
porque intacta ficou
a vida lá fora
vazia
e pouca
toda ela pra esquecer

modo de usar a desesperança

houve um tempo em que ficamos esperando o tempo acabar como se a vida fosse passar por nós assim e de repente chegaria o fim ou talvez a pista para uma nova existência ou o princípio de uma travessia duradoura para o precipício.

houve uma vez em que nos fechamos para o mundo como se o mundo há muito já não se havia fechado para os caprichos da nossa tamanha incivilidade e talvez fosse demasiado tarde para forjar outra saída.

houve um dia em que atordoados trancamos a porta da rua à espera de uma redenção qualquer que a nós viria pela ciência ou pela paciência que nos acuava sobejamente na antessala de um tempo que já não tínhamos e em silêncio nos asfixiava.

desaforo da fala

minha lábia precisa de sol
como o mar precisa do sal
e de algum azul nesse céu
para mais horizonte ao redor

minha lábia precisa de calor
como a língua pede outra língua
no eterno escambo da saliva
pra que haja entre nós suor

afluente imaginário

o amor
corre como um rio
vadio selvagem
que persiste
com ardor
mas um dia se enche
de tanta margem

Félix Alberto Lima

é maranhense, 53 anos, autor dos livros de poesia *O que me importa agora tanto* (7Letras, 2015), *Filarmônica para fones de ouvido* (7Letras, 2018) e *Nas profundezas desses olhos rasos* ((7Letras, 2020). Em prosa, escreveu *Almanaque Guarnicê* (2003), *Chagas em pessoa* (2005), *Um pouco mais de mil palavras* (2016) e *Maio oito meia* (2017).